

OS IMPACTOS DO FASCISMO NA DEMOCRACIA BRASILEIRA NA ATUALIDADE

THE IMPACTS OF FASCISM ON BRAZILIAN DEMOCRACY TODAY

Janine Vieira Teixeira¹

Canício Scherer²

RESUMO: Esta pesquisa propõe uma análise dos impactos do fascismo na democracia brasileira na atualidade buscando compreender o fascismo clássico e o neofascismo. O problema tem como fundamento o novo período de ações autoritárias, violentas e o discurso de ódio que tomou conta do Brasil a partir de 2018 com a eleição de Bolsonaro. Nesse trabalho foi utilizada a pesquisa bibliográfica, com caráter descritivo, hermenêutico e reflexivo, desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Os resultados mostraram que o Brasil hoje possui uma organização neofascista que tem espaço na sociedade e de forma organizada no Congresso Nacional, que implica um ataque à democracia e a perda de direitos fundamentais da população brasileira.

Palavras-chave: Fascismo; Neofascismo; Autoritarismo; Atos antidemocráticos.

ABSTRACT: *This research proposes an analysis of the impacts of fascism on Brazilian democracy today, seeking to understand classic fascism and neo-fascism. The problem is based on the new period of authoritarian, violent actions and hate speech that took over Brazil from 2018 with the election of Bolsonaro. In this work, bibliographic research was used, with a descriptive, hermeneutic and reflective character, developed from already prepared material, consisting mainly of books and scientific articles. The results showed that Brazil today has a neo-fascist organization that has space in society and in an organized way in the National Congress, which implies an attack on democracy and the loss of fundamental rights of the Brazilian population.*

Keywords: *Fascism; Neofascism; Authoritarianism; Undemocratic acts.*

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos no Brasil ocorreram mudanças significativas e impactantes, não só no cenário político, mas também nas relações sociais e até familiares, a partir do

¹ Graduanda do curso de Bacharelado em Filosofia do Centro Universitário Salesiano-UniSales. E-mail: janineteixeira@uol.com.br

² Licenciado em Filosofia (PUC/PR). Especialista em Filosofia contemporânea (UFES) e Mestre em História Social das Relações Políticas (UFES). Professor do UniSales; Filosofia: Ética. E-mail: cscherer@salesiano.br

autoritarismo, do negacionismo, de confrontos ideológicos, enfim, do ressurgimento do fascismo ou do neofascismo.

O presente estudo busca compreender o que é o fascismo e como ele vem se incorporando à sociedade e à política brasileira, bem como, analisar de que forma vem impactando a democracia, ou seja, qual o impacto do fascismo na democracia brasileira na atualidade. É importante ressaltar que não é só o Brasil que vive a ascensão de práticas autoritárias, fascistas e antidemocráticas. Para além do Brasil outros países enfrentam a escalada autoritária, fascista com experiências de cunho nacionalista, religioso, neoliberal e conservador. É o caso de países da América Latina, da Europa, África e Índia.

A experiência autoritária mais recente do Brasil se deu com o governo Bolsonaro que se caracterizou como um governo de extrema direita, com o lema Deus, Pátria e Família, um governo de tendências fascistas que em busca de sua ascensão e consolidação, se unificou em três pilares: o aprofundamento da escalada autocrática, a eliminação radical dos direitos sociais e trabalhistas, e a defesa agressiva de uma agenda moralista, fundamentalista cristã, racista, machista, misógina, homofóbica, anticientífica e historicamente negacionista.

Um dos grandes responsáveis pela sustentação desta onda autoritária foi a indústria das “Fake News” movimentadas nas redes de Whatsapp e alimentadas por robôs que funcionam 24 horas por dia.

Este governo dividiu e polarizou as famílias e a sociedade brasileira. Ao negar a ciência, atrasou a compra das vacinas e fez Campanha contra a vacinação para a Covid que levou a morte 701.494 brasileiros (Brasil, 2023). Em 2022 o Brasil viveu uma polarizada eleição presidencial, com o governo em questão desacreditando o processo eleitoral brasileiro em especial as urnas eletrônicas, pelas quais ele foi eleito.

O candidato da oposição Luiz Inácio Lula da Silva ganhou as eleições no primeiro e segundo turnos. Após o resultado das eleições já no primeiro turno os Bolsonaroistas em quase todos os estados do Brasil acamparam em frente aos quartéis militares para pedir intervenção militar (Mídia Ninja, 2023), bem como os “caminhoneiros” fecharam as principais rodovias do país causando grande prejuízo a população (Portal G1, 2023).

Os atos de protesto só acabaram depois dos atos de Brasília; que foram a tentativa de explodir uma bomba no aeroporto de Brasília (Portal G1 MT, 2023), tentativa de invasão do prédio da polícia federal com incêndios e depredação de carros e ônibus, (Portal G1 DF, 2022) culminando com a fatídica tentativa de golpe em 8 de janeiro de 2023 quando os bolsonaristas destruíram os prédios dos três poderes da república.

O estudo se justifica devido ao avanço da onda conservadora e da cultura do ódio no Brasil e no mundo, com o crescimento de projetos de caráter fascista. Isto implica na tarefa de contextualizar e discutir o fascismo para que possamos garantir uma sociedade justa, fraterna e igualitária.

O objetivo fundante do estudo é compreender e analisar os impactos do fascismo na democracia brasileira na atualidade. Para chegar a este objetivo nos propusemos a analisar e explicitar o conceito de fascismo, identificar as principais características do

fascismo e contextualizar a política brasileira na última década, identificando os elementos fascistas presentes nela.

2. O FASCISMO: GÊNESE E CARACTERÍSTICAS

Os regimes totalitaristas sempre surgem na História quando os países passam por momentos de crises ou conflitos, a exemplo dos pós Primeira Guerra Mundial. Surgiram assim Mussolini e Hitler que quando chegaram ao poder, deixaram um rastro de sangue e perseguições aos que eram considerados seus inimigos. É importante ressaltar que uma parte da população alemã apoiou o nazismo, pois as propostas de Hitler se apresentavam como saída para a Alemanha destruída pela Guerra. Mussolini também teve número considerável de apoiadores entre os civis (Fontes diversas).

De acordo com Finchelstein (2022), o fascismo foi oficialmente fundado na Itália em 1919, mas sua política surgiu simultaneamente em todo mundo. Do Japão ao Brasil e à Argentina e da Argentina até a Índia e a França, a revolução racista, violenta e antidemocrática da direita que o fascismo representava, foi adotada em outros países com outros nomes: Nazismo na Alemanha, nacionalismo na Argentina, integralismo no Brasil, etc. O fascismo foi transnacional antes mesmo de Mussolini usar a palavra fascismo, porém quando o fascismo se tornou oficial passou a ter vários significados por contextos locais. A facilidade que tem o fascismo de se adaptar a vários contextos políticos e sociais, faz com que seu conceito se torne amplo e complexo.

O termo fascismo, vem do italiano fascio: grupo, agrupação, movimento político surgido na Itália após a Primeira Guerra Mundial. Seu criador, Benito Mussolini foi um renegado da esquerda italiana, expulso do Partido Socialista em 1914 acusado de chauvinismo e por ser defensor da participação da Itália na guerra ao lado da Tríplice Entente.

Para tentar definir de forma mais precisa o fascismo, recorreremos a Bobbio, Matteucci e Pasquino (1998) que definem, em linhas gerais, o Fascismo como um sistema autoritário de dominação que é caracterizado pela monopolização da representação política por parte de um partido único de massa, hierarquicamente organizado; por uma ideologia fundada no culto ao líder, na exaltação da coletividade nacional, no desprezo dos valores do individualismo liberal e no ideal da colaboração de classes, em oposição frontal ao socialismo e ao comunismo, pelo aniquilamento das oposições, mediante o uso da violência e do terror; por um aparelho de propaganda baseado no controle das informações e dos meios de comunicação de massa (Bobbio; Matteucci; Pasquino, 1998).

Silva (2000), define o fascismo como os movimentos de extrema direita que dominaram um grande número de países europeus do início dos anos 20 até 1945, se caracteriza pelo antiliberalismo, antimarxismo, organicismo social, liderança carismática e negação da diferença. Distingue-se pelo seu caráter metapolítico, mobilizado para incorporação da nação, dos seus corações e mentes, numa concepção de mundo única, excludente e terrorista. Ele explica ainda que apesar Mussolini e Hitler reivindicarem originalidade histórica, eles propunham o mesmo programa, tinham a mesma concepção de mundo, usavam o mesmo mecanismo de manipulação das massas, tinham o mesmo ódio e desprezo pelo liberalismo e pelo socialismo, perseguiam igualmente minorias identificadas com a alteridade, tais como

judeus, homossexuais, comunistas ou portadores de deficiência (Silva, apud Reis Filho *et al*, 2000).

Eco (2018), em seu livro *O fascismo eterno* diz que o termo “fascismo” se adapta a tudo porque é possível eliminar de um regime fascista um ou mais aspectos, e ele continuará a ser reconhecido como fascista.

O fascismo se caracteriza pelo culto a tradição, o que implica a recusa pela modernidade. O irracionalismo depende do culto da ação pela ação, o desacordo é um sinal de traição. O fascismo provém da frustração individual ou social. São nacionalistas, na raiz da psicologia fascista está a obsessão da conspiração, o modo mais fácil de fazer parecer uma conspiração é através da xenofobia. Para eles não há luta pela vida, mas vida para a luta, pacifismo é conluio com o inimigo porque a vida é uma guerra permanente. Cada um é educado para ser um herói. Tanto a guerra como o heroísmo são jogos difíceis de jogar, então o fascista transfere sua vontade de poder para questões sexuais, daí origina o machismo, a misoginia e a homofobia. E o fascismo baseia-se em um populismo qualitativo (para o fascismo, os indivíduos enquanto indivíduos não têm direitos, e “o povo” é concebido como uma qualidade, uma entidade monolítica que exprime “a vontade comum” (Eco, 2018).

O fascismo é um movimento político e social, possui um caráter populista, se pauta pelo combate à corrupção, a perda dos valores morais e do patriotismo entre outros. Se aproveita sempre de crises econômicas, sociais e políticas de um país e adota discursos genéricos em torno de pautas a priori gregárias. Promete soluções fáceis e resultados rápidos para questões complexas, no entanto quando chega ao poder assume uma postura autoritária, violenta e hierárquica, sempre beneficiando as elites, buscando o controle das massas para manutenção do poder (Silva; Carvalho, 2021).

No fascismo, o Estado deve ser visto de forma harmoniosa, despido de contradições no seu próprio interior, diferente do estado liberal, dilacerado por querelas de grupos. O estado deve ser orgânico, não existiriam mais contradições e lutas entre as forças da nação. O estado assim apresenta-se como fator de coesão nacional, onde todas as instâncias devem responder ao líder nacional. A fonte de todo direito reside na vontade do líder e num vago conceito de bem-estar da comunidade popular. Assim o estado fascista se apresenta como um fator de coesão nacional, capaz de reerguer a nação e restaurar a identidade nacional dilacerada nas lutas do regime liberal (Silva, 2000).

Numa sociedade fascista a família é patriarcal, onde a autoridade, a força e o poder é do pai, assim como o líder é o pai da nação onde sua força e poder são fonte de sua autoridade legal. Ao apresentar o passado da nação como um passado com estrutura familiar patriarcal, a política fascista conecta a nostalgia a uma estrutura autoritária hierárquica organizadora central (Stanley, 2022).

Com o termo caráter autoritário identificamos a personalidade que é a base do fascismo e para entender a estrutura autoritária recorreremos a Fromm (2023) que explica o processo de individuação da humanidade. Ele explica que a individuação aconteceu quando passamos da idade média para idade moderna, quando o homem se livra do sistema organizativo em que vivia e passa a ser o senhor do seu destino. A partir da perda dos laços primários, quando o homem enfrenta o mundo fora de si mesmo, como uma entidade completamente separada, se abrem a ele dois caminhos

para superar o estado insuportável de impotência e solidão, pode relacionar-se espontaneamente com o mundo no amor e no trabalho, o outro caminho é para recuar, renunciar a sua liberdade e tentar superar a solidão eliminando a brecha que se abriu entre o ego individual e o mundo. É uma fuga de um caminho insuportável e este caminho de fuga é caracterizado por ser de cunho compulsivo, tal qual qualquer fuga. É caracterizado também pela rendição mais ou menos total da individualidade e da integridade do ego, uma situação que não conduz a felicidade, é uma solução que se encontra em todos os fenômenos neuróticos.

Um mecanismo de fuga importante é a tendência para renúncia à independência do ego individual e à fusão com alguém ou algo extrínseco a fim de adquirir a força que falta ao ego individual. Estas pessoas se sentem inferiores ou insignificantes, com uma forte dependência a forças extrínsecas, vinda de outras pessoas, de instituições ou da natureza com tendências para autodepreciação e para auto infligirem sofrimento. Tem também a tendência masoquista e a tendência sádica (Fromm, 2023).

O caráter autoritário identifica a pessoa sadomasoquista que é sempre caracterizada pela sua atitude em relação a autoridade, admira a autoridade e tende a submeter-se a ela e ao mesmo tempo quer ser uma autoridade e que os outros se lhe submetam. Para o caráter autoritário existem dois sexos: os potentes e os impotentes. O seu amor, admiração e disposição para submissão são automaticamente despertados pelo poder, seja o de uma pessoa ou de uma instituição. O poder o fascina, não pelo que um poder específico possa defender, mas apenas porque é poder. Tal como seu amor é automaticamente despertado pelo poder, as pessoas ou instituições impotentes despertam seu desprezo. A simples visão de uma pessoa impotente leva-o a querer atacá-la, dominá-la e humilhá-la. O caráter autoritário sente-se tanto mais excitado quanto mais indefeso se tornar seu objeto. A atitude do caráter autoritário em relação a vida, toda sua filosofia é determinada por seus impulsos emocionais. Adora as condições que limitam a liberdade humana, adora estar submetido ao destino, sendo que para ele o significado de destino depende da posição social (Fromm, 2023).

Fromm (2023) relata ainda que o caráter autoritário venera o passado. Aquilo que foi será para a eternidade, desejar ou trabalhar por algo que nunca existiu é crime ou loucura. O conceito de pecado original que pesa sobre todas as gerações futuras é característico da experiência autoritária. A moral, como qualquer outro tipo de falha humana, torna-se um fardo que o homem nunca pode escapar. Quem tiver alguma vez pecado, fica acorrentado ao seu pecado com grilhões de ferro. Na filosofia autoritária, o conceito de igualdade não existe. O caráter autoritário pode, por vezes, usar o termo igualdade de forma convencional ou porque serve os seus interesses. Mas para ele, não tem verdadeiro significado, pois diz respeito há algo que está fora do campo de sua experiência emocional. Para ele o mundo é composto de pessoas com o poder e de pessoas sem poder, de superiores e inferiores. Com base nos seus impulsos sadomasoquistas, experiencia apenas a dominação ou a submissão, nunca a solidariedade (Fromm, 2023).

Stanley em seu livro “Como funciona o fascismo” (2022), apresenta vários pontos, descrevendo o funcionamento da política fascista. São eles: a política fascista procura destruir o discurso público, atacando e desvalorizando a educação, a especialização e a linguagem; a política fascista troca a realidade por pronunciamentos de um único indivíduo, ou de um partido político. Mentiras óbvias e repetidas infinitas vezes

destroem o espaço da informação; na política fascista as teorias conspiratórias são um mecanismo fundamental para deslegitimar a grande mídia, que os políticos acusam de parcialidade por não cobrir as falsas conspirações; a política fascista procura abalar a credibilidade na imprensa e nas universidades; na política fascista a igualdade é considerada o cavalo de troia do liberalismo. Qualquer um que divulgue a igualdade liberal é um ingênuo, está infectado pela ideia de liberdade ou é um inimigo da nação.; o projeto fascista combina a ansiedade da perda de status com o medo do reconhecimento igualitário das minorias odiadas; a política fascista explora o sentimento de vitimização nos grupos dominantes frente a perspectiva de ter que dividir cidadania e poder com grupos minoritários.

E ainda, a política fascista tem em seu cerne a lealdade a tribo, a identidade étnica, a religião, a tradição ou a nação; a propaganda fascista apresenta hinos pungentes diante do sentimento de angústia que segue a perda do status dominante; a política fascista encobre a desigualdade estrutural, tentando inverter, deturpar e subverter o longo e difícil esforço para superá-la; a propaganda fascista promove o medo de cruzar e misturar raças, de corromper a nação pura.

Por fim, a política fascista distorce a ansiedade masculina acentuada pela ansiedade econômica, transformando-a em temor de que sua família esteja sob ameaça existencial por meio daqueles que rejeitam sua estrutura e suas tradições. E conclui o autor:

Os mecanismos da política fascista apoiam-se uns nos outros, tecendo um mito de diferenciação entre “nós” e “eles”, e num ressentimento em relação a uma elite liberal corrupta, que se apropria de nosso suado dinheiro e ameaça nossas tradições. “Eles” são criminosos preguiçosos com quem a liberdade seria desperdiçada (e que, de todo modo, não a merecem). “Eles” mascaram seus objetivos com a linguagem do liberalismo, ou da “justiça social”, e estão destinados a destruir nossa cultura e tradições, fazendo com que nós nos tornemos fracos. “Nós” somos diligentes e cumpridores da lei, tendo conquistado nossas liberdades por meio de trabalho; “eles” são indolentes perversos, corruptos e decadentes. A política fascista transita em delírios que criam esse tipo de falsas distinções entre “nós” e “eles”, independentemente de realidades óbvias (Stanley, 2022, p. 178).

Conforme exposto, os fascistas procuram aprofundar sua política fazendo a diferenciação entre nós e eles, criando uma divisão, apelando para distinções étnicas, religiosas ou raciais. Usam esta divisão para moldar a ideologia e a política.

Em complemento a essas características, também é preciso pensar o fascismo com base na política estatal e na forma da subjetividade jurídica, porque enquanto tivermos uma sociedade dividida em classes, onde uma explora a outra, o capital sempre estará garantido em detrimento do povo, nem que para isto, estado e direito fiquem com a ditadura, pelo golpe ou pelo fascismo (Mascaro, 2022).

Esclarecida a concepção de Fascismo, se faz necessário desnudar também o que é o Neofascismo para compreender melhor a realidade brasileira.

2.1. O NEOFASCISMO

Neofascismo é o movimento político posterior à Segunda Guerra Mundial que visa

incorporar aos sistemas políticos os ideais fascistas. Sobre essa temática das causas do neofascismo, esclarece Löwy (2019, p. 3):

[...] a globalização capitalista – que é também um processo de brutal homogeneização da cultura que produz e reproduz, em escala mundial, formas de “pânico identitário”, alimentando manifestações nacionalistas e/ou religiosas intolerantes e favorecendo conflitos étnicos ou confessionais. Quanto mais a nação perde seu poder econômico devido a globalização, tanto mais se proclama a imensa glória da Nação “Acima de Tudo”.

Outra explicação para o neofascismo seria a crise financeira do capitalismo, iniciada em 2008, e suas consequências: depressão econômica, desemprego, marginalização. Esse fator foi sem dúvida importante para a vitória de Trump ou de Bolsonaro, mas é bem menos válido para a Europa: em países ricos, menos afetados pela crise, como Suíça e Áustria, a extrema direita tem um grande poder, enquanto nos países mais atingidos pela crise, como Portugal, Espanha e Grécia, é a esquerda ou a centro-esquerda que é hegemônica, enquanto que a extrema-direita é periférica.

Neste diapasão, acrescenta Mattos (2022, p. 31):

[...] O prefixo neo serve apenas para acentuar que não se trata de uma simples repetição mecânica do fascismo histórico, sendo necessário entender tanto as especificidades do contexto em que emerge, como também as diferenças do fascismo do século XX. Afinal, como no caso do fascismo histórico, estamos diante de uma extrema-direita que não se apresenta apenas na arena parlamentar/institucional, mas assenta-se em mobilizações de massas, com base social variada, mas tendo por núcleo estruturador a pequena burguesia e as frações assalariadas médias e superiores. Cabe destacar que, analogamente ao fascismo histórico, quando chegam ao governo, os fascistas governam para o grande capital, não para a pequena burguesia que mobilizam permanentemente. Também como na época dos fascismos, o neofascismo não possui um corpus ideológico original e homogêneo, mas apresenta um discurso que costura formas ideológicas conservadoras variadas. No contexto atual, esse amálgama envolve dimensões requeitadas de um nacionalismo xenófobo, reciclagens do anticomunismo, além de fortes componentes racistas, misóginos e lgbtfóbicos (na versão do combate à ideologia de gênero), combinando-se com o fundamentalismo de novas teologias profundamente reacionárias e reivindicando as soluções violentas para todas as novas manifestações da velha questão social.

O neofascismo é diferente do fascismo histórico por se caracterizar em formas de organização política que tem falhado em se constituírem como força populista revolucionária ou em partidos políticos claramente fascistas no pós-guerra. Porém, o neofascismo tem conseguido êxito em outras frentes de ação como na internacionalização de seu alcance no pós-guerra, na construção de um ambiente cúltil do neofascismo grupal (através de organizações neofascistas), pelo ciberfascismo, ou seja, o uso intensivo das tecnologias de informação e comunicação, na construção de um ‘neofascismo cultural’ e na criação de uma escola própria de história moderna (revisionismo histórico). Do ponto de vista da ação, os neofascistas têm usado o terrorismo como principal forma de ação política e reconhecem que estão com dificuldades de se fazer no presente, mas estão determinados em fazer a história (Carnut, 2020).

Sobre a temática, leciona Tiburi (2020) que, embora o fascismo seja um termo criado por Mussolini, seu conceito foi muito além e vem sendo expandido há muito tempo. O

fascismo é sempre uma ideologia e uma tecnologia política que se envolve na vida cotidiana, atinge pessoas comuns, grupos e pode chegar aos governos e estados, produzindo morte e destruição em massa como aconteceu na Alemanha no século XX e como vem acontecendo em vários países do mundo. E ainda:

Embora o fascismo possa ser eterno como disse Umberto Eco, também sofre modificações históricas e hoje a grande mudança é a vida digital. A internet e as redes sociais transformaram o fascismo, como sistema do ódio ao outro, em mercadoria. Há um mercado do ódio, um valor do ódio manipulado por técnicas de psicopoder no campo do psicomercado. Tudo isso tem relação com a política rebaixada a publicidade, cidadãos e cidadãs foram rebaixados a consumidores e funcionários, sejam pagos, sejam voluntários ou inconscientes, a escravos digitais. Tornar-se um fascista se tornou uma função subjetiva dentro do sistema.

[...].

A explosão ideológica do fascismo é uma explosão mercadológica e tecnológica, que tem no ódio exposto nas redes sociais uma prova do seu alcance (Tiburi, 2020, p. 36; 38).

Segundo Bueno (2022), o mal-estar na civilização é a condição estrutural para a vida social e dele se originam fortes tendências destrutivas e antissociais que trazem, em cada homem civilizado, a existência de um inimigo secreto da própria civilização. No contexto fascista, quando se manifestam na forma de agremiações grupais segregadoras e violentas, essa agressividade é desviada contra as populações marginalizadas que são objeto de preconceito social. A violência fascista se constitui como um fenômeno social que se origina de patologias emocionais dos perseguidores, não tendo qualquer relação com a vítima da perseguição.

A ideias fascistas ganham cada dia mais adeptos pelo mundo no século XXI, mesmo com toda memória do fascismo erguida em todos os lugares onde aconteceu para que a humanidade não esqueça do que ele pode provocar.

Mais do que fenômeno datado ou típico da cultura ou desenvolvimento peculiar de certas nações, o fascismo é filho de crises em sociedades burguesas; emerge em cenários de crise estrutural do capital, uma crise de hegemonia de um determinado padrão de dominação e acumulação do capital, na qual nenhuma fração da burguesia se vê capaz de conduzir a direção da sociedade, ou seja, de levar a cabo um projeto de organização social de dominação (Poggi, 2019, p. 73).

O fascismo deve ser levado a sério, pois além de trazer uma visão distorcida da realidade, é contrário a um projeto de uma vida digna para todos. No fascismo há uma tentativa de edificação de um estado total, que se sobreponha ao indivíduo ao ponto de anulá-lo, levando a repressão da diferença e criando uma relação de homens que dominam outros homens através do recurso da violência. O fascista tem ódio de quem demonstra saber algo que afronte ou abale suas crenças sendo a ignorância e a confusão sua postura na sociedade (Tiburi, 2017).

A extrema gravidade do fenômeno fascista consiste em que sob diversos registros, ao mesmo tempo que setores humanos são estimulados a regredir ao estado de barbárie, a atmosfera de fanatismo e preconceito gera continuamente elementos que impedem a tomada de consciência acerca da regressão. Isto significa que o fascismo é o maior obstáculo possível a efetivação dos seres humanos como veículo de realização do finalismo metafísico (Bueno, 2022), p. 55).

Filgueiras e Duck (2019) argumentam que o fenômeno contemporâneo mundial, embora não seja cópia do chamado fascismo histórico (Itália e Alemanha), tem fortes características dessa grande família; daí sua denominação de neofascismo. Segundo os autores, as principais características do Neofascismo são, dentre outras:

- 1- o apelo ao autoritarismo e contra o “sistema” e o Estado de Direito;
- 2- o uso da legalidade democrática e de suas instituições para constituição de um Estado de Exceção, por dentro da ordem democrática;
- 3- o ataque raivoso a todas as tendências de esquerda (comunistas, socialistas e socialdemocratas);
- 4- a defesa do nacionalismo (real ou apenas retórico) xenófobo, com a negação da existência de classes e conflitos de classe no interior da nação;
- 5- a desqualificação e, no limite, destruição das organizações dos trabalhadores (Partidos, sindicatos, associações etc.);
- 6- a escolha de algum “outro” como causador e bode expiatório de todos os males, fobias e ressentimentos;
- 7- o exercício de uma “guerra cultural-ideológica” permanente, na qual se destaca a adoção de narrativas e explicações de caráter místico-religioso e de natureza anti-intelectual, uma espécie de anti-iluminismo que agride a razão, e que procura desacreditar o conhecimento científico, histórico e cultural acumulados durante mais de cinco séculos, desde a época do “Renascimento”.
- 8- a exploração das emoções e afetos regressivos, com o estímulo e uso da violência, brutalidade e grosseria;
- 9- e, por fim, como instrumento de difusão e implementação deste “programa”, a mobilização política de massa, com a constituição de um movimento ativo, agressivo e, no limite, violento (Filgueiras; Duck, 2019, tópico 2).

Resta claro, portanto, que o Neofascismo se difundiu e difunde de modo rápido e abrangente por meio de uma narrativa que atinge as pessoas em suas vulnerabilidades e com um discurso libertário e agressivo. Dito isto, debruçamo-nos agora sobre a realidade brasileira

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa se propôs analisar os impactos do fascismo na democracia brasileira na atualidade a partir do pensamento do filósofo italiano Umberto Eco sobre o fascismo eterno. Esta é uma pesquisa bibliográfica.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo (Gil, 2008, p. 50).

Primeiramente investigou-se e alisou-se o significado de fascismo com a finalidade de sustentar a temática da pesquisa, através da qual foi possível realizar uma análise no

final do presente estudo percorrendo o caminho dos pensamentos dos diversos autores e trazendo em foco os conceitos chave.

Como segundo passo buscou-se demonstrar e caracterizar de que maneira o fascismo vem se manifestando no cotidiano e suas formas para que através da análise feita anteriormente junto com essa demonstração pudesse ser identificado e como o fascismo impacta a sociedade brasileira. Para isto foi analisado o pensamento da filósofa brasileira Márcia Tiburi e do filósofo americano Jason Stanley, dentre outros, bem como, consultas a sites da grande imprensa brasileira.

A partir desta pesquisa, foi desenvolvida uma leitura filosófica, hermenêutica, sistemática e crítica sobre a realidade e as implicações do fascismo no cotidiano com vistas a responder à questão sobre como o fascismo impacta a democracia brasileira na atualidade.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. A ASCENÇÃO DO NEOFASCISMO NO BRASIL NA ÚLTIMA DÉCADA

Com o avanço da onda conservadora e da cultura do ódio no Brasil e no mundo, em especial o crescimento de projetos de caráter fascista, é necessário contextualizar e discutir o fascismo. É preciso estudar o que acontece no Brasil, onde a Democracia está permanentemente ameaçada, em especial na última década em que vários acontecimentos mostram um retrocesso nas práticas democráticas e o ressurgimento do fascismo no cotidiano do país.

Adriana Dias (2021), pesquisadora da UNICAMP explica que o neonazismo começou no Brasil antes da década de 1980, mas ele começa a ter rastros estatísticos depois da década de 80, com grupos muito pontuais. Hoje existem 530 células neonazistas que se ligam a várias vertentes diferentes que não necessariamente conversam entre si. O neonazismo se desenvolve depois dos anos 2000 com grupos revisionistas do Holocausto, principalmente, no Sul e preferencialmente em Santa Catarina. Ele se expande cerca de 8% ao ano até 2009, quando ocorre uma briga entre dois grandes grupos e a liderança de um desses é assassinada e, com isso, acabam diminuindo. E a cena “nazi” volta a aparecer em público de novo só em 2011, quando os neonazistas de São Paulo convocam um ato pró-Bolsonaro.

Eu encontrei uma correspondência do Bolsonaro publicada por três sites neonazistas brasileiros. Eu não sei se ele mandou isso para “deus e o mundo”. Mas só quem publicou foram os sites neonazistas brasileiros. Agora, além disso tinha nesses sites um *banner* para o site do Bolsonaro, dando tráfego (Dias, 2021, p. 01).

O movimento neofascista e suas organizações atuais se fizeram presentes nas manifestações de 2013, conhecidas como Jornadas de Junho que começou como uma mobilização legítima, com pauta e atores bastante identificados com o processo, os estudantes contra o aumento da passagem, o Movimento Passe Livre (MPL). Em poucos dias juntou milhares de pessoas na capital paulista, com uma forte repressão policial, que levou milhões de pessoas a mais protestos pelo país a fora.

A pauta definida pelo Movimento Passe Livre foi por água abaixo, havia muita gente, muitas palavras de ordem e as demandas começaram com a ajuda da grande mídia

a ir em outra direção. Surgiram os pedidos de serviços públicos “padrão Fifa” e neste momento ganham força grupos ligados à direita como o Movimento Brasil Livre (MBL), fundado em 2014, o Vem Pra Rua e Revoltados online, todos que depois apoiaram o impeachment de Dilma Rousseff.

Em 2014 Dilma Rousseff foi eleita para o segundo mandato com 51% dos votos. Em 2015, a situação econômica do Brasil sofreu forte impacto negativo, junto com a piora da situação internacional, registrando um PIB negativo. Os índices de desemprego e inflação aumentaram e os aliados do governo desapareceram.

A luta contra a corrupção foi o discurso principal do golpe parlamentar de 2016, mas todos sabemos que este foi o motivo menor. A elite brasileira queria mais. Queria as reformas da previdência e a trabalhista, a retirada de direitos da classe trabalhadora, pois a classe média alta estava bastante incomodada com as políticas sociais dos governos do PT. O ódio ao Bolsa Família, as funestas mensagens trocadas sobre aeroportos que, segundo as elites endinheiradas, se transformaram em rodoviárias, os comentários horríveis sobre as pessoas mais pobres em laboratórios de exames clínicos e em hospitais, as ofensas e preconceitos dirigidos aos brasileiros da região Nordeste, as críticas aos direitos trabalhistas conquistados pelas empregadas domésticas etc. A hipótese que se pode levantar é que esse inegável incômodo foi o motivo principal da revolta da alta classe média contra os governos do PT (Boito Junior, 2019).

Em março de 2015, logo depois de instaurar a CPI da Petrobras e dos inquéritos abertos contra vários políticos do alto escalão, a Avenida Paulista foi tomada por manifestação massiva contra o governo Dilma: 210 mil pessoas, segundo a Datafolha, mais de um milhão segundo a Polícia Militar. Protesto que se repetiu em várias capitais, onde protestavam contra a corrupção e pelo fim do mandato de Dilma Rousseff (por renúncia ou por impeachment) e o rechaço ao Partido dos Trabalhadores. Os protestos foram convocados por “Revoltados online”, Vem Pra Rua (VPR), do empresário Rogério Chequer e MBL, organizado por Kim Gataguiri (Biondi, 2021).

Löwy (2016) argumenta que o que aconteceu no Brasil com a destituição da presidente eleita Dilma Rousseff, foi um Golpe de Estado pseudolegal, “constitucional”, “institucional”, parlamentar, o que se preferir, mas golpe de estado. Parlamentares profundamente envolvidos em corrupção, instituíram um processo de destituição sob pretexto de irregularidades contábeis, “pedaladas fiscais, para cobrir déficit nas contas públicas, uma prática corriqueira em todos os governos anteriores.

[...]. Não faltaram “juristas” para justificar a “legalidade” de um impeachment sem a existência de um verdadeiro crime de responsabilidade. Também nunca faltaram “juristas” para defender a “legalidade” do encarceramento de multidões, pessoas que não interessam aos detentores do poder econômico, “em desconformidade com a Lei de Execuções Penais. Há, inclusive, “juristas” que defendem a “legalidade” de atos praticados por juízes de férias e em violação às regras de competência, que existem (e deveriam ser respeitadas) justamente para evitar arbítrios e violações à impessoalidade (Tiburi, 2018, 1ª parte).

Neste mesmo sentido, analisa Boito Júnior (2020, p. 3):

Esse golpe de Estado, pela dinâmica que o tornou possível e pelas suas consequências, mudou profundamente o processo político brasileiro. Ele

colocou em movimento forças conservadoras e antidemocráticas até então adormecidas, desacreditou o voto popular, ensejou o retorno dos militares como atores políticos de primeiro plano, judicializou de modo extremado os conflitos políticos, estimulou conflitos entre os ramos e instituições do Estado e desacreditou a democracia. Foram os políticos profissionais da burguesia, no Legislativo e nos executivos estaduais, que tomaram a iniciativa de descreditar o voto popular praticamente anulando, ao depor Dilma Rousseff, o resultado da eleição presidencial de outubro de 2014. Desacreditando a fonte de sua própria legitimidade, os políticos profissionais da burguesia abriram as portas para que a burocracia civil – principalmente a burocracia do Judiciário – e a burocracia militar – principalmente o Exército – pudessem assumir o papel de atores políticos de primeiro plano. Os partidos políticos perderam espaço na política brasileira.

O governo provisório de Michel Temer, desde o momento que tomou posse, passou a aplicar a agenda conservadora e o desmonte do estado, com ataques aos direitos sociais conquistados em anos recentes. Mattos (2022) avalia que o grau de devastação social com desemprego galopante, crescimento da miséria, crises nos serviços públicos, etc. e a impopularidade das medidas de austeridade do Governo não permitiu que os partidos políticos tradicionais da classe dominante conseguissem criar uma alternativa eleitoral forte para o pleito de 2018.

Outro importante fator que contribuiu para a eclosão do neofascismo no Brasil, foi a “Operação Lava Jato” considerada pela esquerda uma operação política que iniciou no contexto das mobilizações de junho de 2013 e da disputa eleitoral de 2014 se caracterizando por uma perseguição ao PT e a criminalização de Lula. A operação passou pelo impeachment de Dilma Rousseff, posse de Temer, prisão de Lula, e culminou com a eleição de Bolsonaro.

Boito Junior (2017) escreve que a Lava-Jato funciona tipo um partido da alta classe média, que se aliou, em conjunto com a posição da classe média abastada, com imperialismo e à fração da burguesia brasileira a ele ligada para obter o impeachment da presidente Dilma Rousseff. Relata ainda que a operação é seletiva e possui três alvos prioritários: o PT, a construção pesada e a Petrobras, que são o principal segmento da grande burguesia interna, e, também, as instituições do Estado que se converteram em centro privilegiado de poder dessa fração burguesa.

Para alcançar os seus objetivos, esse movimento desferiu um duro golpe no Estado Democrático de Direito.

[...]. A prisão da maior liderança popular, que encabeçava as pesquisas eleitorais, bem como o cerceamento à sua liberdade de expressão, proibido de dar entrevistas para não interferir no resultado do pleito, indicavam que a burguesia aliou-se precisava de um governo de “puro-sangue”: para aprofundar a exploração, aprovando o imoral “pacote de maldades”, era urgente neutralizar as vozes contrárias (Carvalho, 2019, Introdução).

A eleição de Bolsonaro em 2018, foi fruto da decadência do capitalismo, da vontade de um grupo político numa grave crise econômica onde era preciso suprimir as mínimas conquistas sociais dos trabalhadores para que os grandes grupos do capital financeiro industrial continuassem a ganhar seus lucros exorbitantes.

Mattos (2019) informa que em 28 de outubro de 2018 Bolsonaro foi eleito com cerca de 55% dos votos válidos (excluídos nulos, brancos e abstenções), 39,3% dos votantes. A imprensa internacional variou ao classificá-lo como ultradireita, radical de

direita. O conteúdo de suas declarações nos últimos 30 anos, na campanha eleitoral e agora na presidência, envolve todo tipo de apologia à violência, especialmente contra os chamados “bandidos” e contra tudo que se identifica como esquerda, que inclui todo tipo de movimento em defesa dos direitos humanos, contra as opressões de gênero, a LGBTfobia, ecológicos e de defesa indígena, além de professores, cientistas, artistas e produtores culturais.

A apologia à tortura e às ditaduras militares latino-americanas se combinam em suas falas, de seus filhos e dos apoiadores mais próximos, com um discurso de ódio misógino, racista, LGBTfóbico e xenófobo difundido largamente em suas redes sociais, assim como, o desprezo ou descaso com as vítimas da Covid-19. Compartilha também as pautas do conservadorismo moral e sexual de parlamentares eleitos como arautos das igrejas neopentecostais atacando a educação pública com argumentos de “doutrinação comunista” e “ideologia de gênero” que confronta os valores da família tradicional (Mattos, 2010).

No caso do Brasil, afirma Bueno (2022), a transformação de algumas seitas pentecostais em sedes do poder econômico e político evidencia a afinidade entre fascismo e religião. Uma análise da atuação de pastores evangélicos de grande sucesso midiático junto com as populações economicamente desfavorecidas mostra o emprego de dispositivos retóricos comuns dos líderes fascistas. Assim como os demagogos fascistas, muitos pastores evangélicos se comportam de maneira dissimulada e cínica, ajustando-se a demandas de identificação emocional que são as mesmas que sustentam os agrupamentos fascistas.

2.2.1. O governo Bolsonaro

Mattos (2022) esclarece que a trajetória política de Bolsonaro já era bem longa quando chegou à presidência. Foi eleito, por cerca de três décadas, para mandatos parlamentares consecutivos (um como vereador e seis como deputado federal), com base no voto de militares e seus familiares, apresentando-se como defensor de melhores remunerações e mais «direitos» para a tropa. Seu prestígio como defensor dos soldos dos militares foi iniciado quando ainda era militar da ativa, tenente do exército, e escreveu, em 1986, um texto para a revista *Veja*, defendendo a necessidade de reajustes salariais para os militares, que lhe rendeu alguns dias de prisão.

No ano seguinte voltaria às manchetes na mesma revista, por anunciar (em uma declaração «em off», não respeitada pela revista) um plano de detonar explosivos em quartéis, para minar a autoridade dos comandos militares e fazer avançar suas reivindicações corporativas. No processo militar a que respondeu por esse episódio, Bolsonaro foi condenado em primeira instância e absolvido, após recurso, pelo Superior Tribunal Militar, em dezembro de 1988, quando já havia sido eleito vereador no Rio de Janeiro, solicitando sua reforma (remunerada) como capitão.

Acrescenta Mattos (2022, p. 2):

No período dos cinco anos anteriores a sua eleição, ele e os filhos (três deles também parlamentares, em diferentes níveis) utilizaram-se fartamente das redes sociais para difundir mensagens de ódio. Militantes de esquerda e dos movimentos sociais também foram e continuam sendo alvo das ameaças de

criminalização e mesmo eliminação física. O salto de representante dos interesses corporativos da tropa, com atuação apagada no Congresso Nacional, visto como apenas mais um integrante do baixo clero – jargão parlamentar para descrever congressistas de pequena projeção –, para liderança política nacional, com ambições presidenciais, deu-se a partir do início da década de 2010, quando passou a compartilhar das pautas conservadoras relativas aos costumes, muitas delas propagandeadas pelos parlamentares eleitos como arautos das igrejas neopentecostais. Dando especial atenção aos ataques à educação pública, tornou-se um difusor das narrativas de que uma «doutrinação comunista» domina as práticas docentes – assumindo as propostas legislativas do movimento Escola sem Partido. Combinou essa «denúncia» do «esquerdismo docente» com a de que o ambiente escolar é responsável pela difusão de uma «ideologia de gênero», que confronta os valores da família tradicional ganhando mais espaço em programas de mídia televisiva, mesmo que algumas vezes sendo tratado como «folclórico», Bolsonaro conseguiu apresentar-se para um eleitorado mais amplo, a ponto de, em 2014, ser eleito como o deputado mais votado no estado do Rio de Janeiro.

Castro Rocha (2023) nos apresenta o conceito de Mídiosfera Extremista que se trata de uma poderosa máquina de produção de narrativas polarizadoras com base em Fake News e teorias conspiratórias. Combustível da retórica do ódio, é composta de cinco elementos, sendo quatro internos e um externo. É um complexo sistema integrado que produz conteúdo radicalizador ininterruptamente. Nele se encontram as malfadadas redes de WhatsApp, as indefectíveis redes sociais; uma rede altamente tóxica de canais de YouTube e aplicativos como a TV Bolsonaro e Mano. No interior deste sistema, ou seja, desta teia, circula sem cessar uma produção audiovisual que transmite o sistema de crença bolsolavista, com incentivos incessantes de golpe de estado a eliminação física de adversários. O elemento externo é a “mídia amiga” que dá voz para as fantasias mais lunáticas, desestabiliza seriamente a democracia, estimula o crime e o projeto autoritário bolsolavista. A partir desta Mídiosfera extremista acontece a dissonância cognitiva coletiva, sendo a dissonância cognitiva um desconforto subjetivo causado pela consciência da distância entre crenças e comportamentos.

O centro da Mídiosfera extremista, de criação da dissonância cognitiva coletiva, tem como objetivo despolitizar a polis, esteio do projeto político autoritário, o bolsolavismo transformou o Brasil num laboratório mundial de criação metódica de realidade paralela (Rocha, 2023).

Um exemplo desta dissonância coletiva e do caráter autoritário foi o assassinato do militante do PT de Foz do Iguaçu, o guarda municipal Marcelo Arruda em 09 de julho de 2022, quando comemorava seu aniversário de 50 anos em festa decorada com fotos de Lula e símbolos do partido. O agente penitenciário federal Jorge José da Rocha Guaranho invadiu o evento e aos gritos de "Bolsonaro" e "mito", segundo relatam testemunhas, o homem ameaçou os presentes e saiu. Arruda foi até o carro para pegar a arma, temendo que Guaranho voltasse. Os dois se reencontraram e o agente penitenciário atirou no aniversariante, que, mesmo ferido, revidou mas acabou morrendo. Vale ressaltar que eles nem se conheciam o que comprova o poder desta rede de ódio construída (ALVES, C. 2022).

Ainda dentro dessa dissonância coletiva, no dia 20 de novembro de 2022, Bolsonaroistas pedem ajuda a extraterrestres. Apoiadores do presidente colocam o

celular na cabeça com o flash do aparelho ligado e sinalizam aos "ETs". Em coro uma mulher diz "SOS". Em seguida, apoiadores do atual presidente dizem "Olha para nós, general" (Prates, 2022).

A respeito de Bolsonaro, Mattos (2022) expende ainda que ele governou sempre testando os limites do regime democrático e agitando a possibilidade da ruptura institucional, com respaldo em mobilizações de sua base social de apoio, que não hesitou em convocar, mesmo durante as fases mais graves da pandemia. Como o fizeram os fascistas desde sempre, Bolsonaro mobilizou seu apoio entre as classes médias, mas governou segundo os interesses do grande capital. Medidas que tomou e omissões (de fiscalização e repressão do Estado) que coordenou abriram espaço para um salto na devastação da Amazônia e no genocídio de povos indígenas e comunidades tradicionais – com o estímulo e a tolerância a queimadas, exploração de madeira e garimpos, todas ilegais –, beneficiando diretamente o empresariado ligado ao agronegócio, de onde se origina sua principal base de apoio na grande burguesia atuante no Brasil. As reformas nos marcos legais do sistema previdenciário (segurança social) e dos direitos trabalhistas, porém, garantiram os lucros do conjunto do capital.

Bolsonaro é conhecido por sua violência e suas frases preconceituosas, das quais ele se orgulha e repete sempre que pode.

Em 1998, já como deputado federal e em campanha para reeleição, Jair Bolsonaro agrediu fisicamente Conceição Aparecida Aguiar, na época gerente da Planajur, empresa de consultoria jurídica e que atendia ao Exército. Segundo o Jornal do Brasil, que apurou a agressão, Conceição foi agredida pelas costas durante uma discussão com “uma das correligionárias” de Bolsonaro (Bolsonaro, 2018).

No extinto programa da Band TV “Custe o que Custar (CQC), a cantora Preta Gil, que entrevistava o político, perguntou como o então deputado reagiria se algum de seus filhos se envolvesse com uma mulher negra. “Eu não vou discutir promiscuidade com quem quer que seja. Eu não corro esse risco. Meus filhos foram muito bem-educados e não viveram em um ambiente como, lamentavelmente, é o seu”, afirmou Bolsonaro. A frase "Jamais ia estuprar você, você não merece" é muito conhecida, na época, em entrevista ao portal Zero Hora, Bolsonaro disse que não estupraria a deputada federal Maria do Rosário (PT-RS) porque ela não merecia (Bolsonaro, 2018).

“Ela não merece porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria. Eu não sou estuprador, mas, se fosse, não iria estuprar, porque não merece”. Em 2017, durante uma palestra feita na sede do Clube Hebraica no Rio de Janeiro, Bolsonaro, ao se referir sobre o gênero de seus filhos, disse: “Eu tenho cinco filhos. Foram quatro homens, aí no quinto eu dei uma fraquejada e veio uma mulher”. Em mais uma fala sexista e, dessa vez, homofóbica, afirmou que o Brasil não poderia ser um país de turismo gay, mas que “quem quiser vir aqui fazer sexo com uma mulher fique à vontade” (Bolsonaro, 2018).

Sobre a ditadura ele reiterou seu posicionamento no Brasil no programa Pânico, da Rádio Jovem Pan, em julho de 2016, dizendo que “O erro da ditadura foi torturar e não matar” (2008 e 2016). Em ato de campanha no centro de Rio Branco, com o tripé de uma câmera de vídeo, ele simulou segurar um fuzil e disparar tiros. “Vamos fuzilar a

petralhada aqui do Acre. Vou botar esses picaretas para correr do Acre. Já que gosta tanto da Venezuela, essa turma tem que ir para lá” (2018). Numa entrevista à revista Playboy, afirmou que “seria incapaz” de amar um filho homossexual e acrescentou que ter um casal gay como vizinho desvaloriza imóveis. “Para mim é a morte. Digo mais: prefiro que morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido mesmo” (2011). Durante a campanha eleitoral de 2018, se mostrou diversas vezes contrário aos direitos indígenas, prometendo acabar com o que chamou de “ativismo ambiental xiita”. “Se eu chegar lá, não vai ter um centímetro demarcado para reserva indígena ou para quilombola”, disse. A afirmação, em palestra no Clube Hebraica, no Rio, rendeu a ele uma denúncia apresentada pela Procuradoria-Geral da República pelo crime de racismo e discriminação. Em 2017 afirmou: “Fui num quilombola [sic] em Eldorado Paulista. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Acho que nem para procriadores servem mais” (Bolsonaro, 2018).

Em suma,

O Bolsonarismo é uma corrente política que tem sustentáculos no governo e na sociedade. O Bolsonarismo é um jeito de fazer política, um jeito autoritário, que faz opção pela propaganda enganosa através das fake news – as investigações da polícia federal comprovam isso –, que sustenta um sistema de corrupção pautado nas ações de milicianos e deputados ávidos por “rachadinha”, que opta pela agressão aos poderes – legislativo, judiciário –, não reconhecendo a necessidade do diálogo, que não respeita a dignidade dos seres humanos quando responde “ e daí, sou Messias, mas não sou Deus” , para justificar as mais de 5 mil mortes, ferindo com suas palavras milhares de famílias enlutadas no país. E esse gesto foi repetido várias vezes por esse indivíduo a cada resposta sobre o aumento do número de óbitos no Brasil (Silva, 2020, p. 1480).

É importante destacar que a conjuntura nacional foi determinada, no início deste ano, pela posse de Lula e a tentativa de golpe da extrema direita em 08 de janeiro. Se a tomada de Brasília pela esquerda e movimentos sociais na posse, com quase 200 mil pessoas, foi símbolo da principal vitória popular em anos, a invasão bolsonarista aos Três Poderes, sete dias depois, mostrou que a extrema direita segue ativa e audaciosa, contando com expressiva penetração nos meios militares e policiais. A derrota da tentativa de golpe produziu um momento conjuntural de fortalecimento do governo Lula e de enfraquecimento do bolsonarismo. Mas não significou derrota qualitativa do neofascismo, que segue com significativa influência de massas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste estudo era analisar os impactos do fascismo na democracia brasileira na atualidade. O primeiro objetivo específico se referiu a contextualização histórica e conceitual do fascismo, que foi cumprido ao realizar uma análise sobre o significado de fascismo, entendendo que ele é um movimento que se transmuta através da história e se enquadra em diferentes contextos e demandas sociais chegando ao sistema democrático atual.

A revisão bibliográfica como um todo, permitiu compreender novos termos como o neofascismo, fascismo eterno, sendo que estes novos modelos não possuem todas as características do fascismo clássico, porém suas ações e métodos

antidemocráticos se mantem na essência fascista pois as mudanças ocorrem devido ao tempo, a novas demandas e interesses. porém mantendo o centro da política fascista.

Na discussão sobre a ascensão do neofascismo no Brasil, buscou compreender como se deu a conjuntura brasileira e como ascendeu o neofascismo. Foi realizado um caminho desde o golpe contra a presidenta Dilma Rousseff até a eleição de Bolsonaro que se caracterizou como um governo com elementos fascistas, sempre testando os limites do regime democrático. Seu discurso e suas ações permitiram um aumento importante na devastação da Amazônia e no genocídio de povos indígenas e comunidades tradicionais – com o estímulo e a tolerância a queimadas, exploração de madeira e garimpos, todas ilegais. O ataque constante ao Supremo Tribunal Federal e a ampla campanha contra as urnas eletrônicas foram o centro do chamado para a tentativa de golpe do dia 8 de janeiro de 2023.

Entende-se que o Brasil hoje possui uma organização neofascista que tem espaço na sociedade e de forma organizada no Congresso Nacional em especial no Partido Liberal (maior partido do Congresso Nacional), onde tenta impor projetos que contrariam a democracia e o estado de direito. Recentemente entraram com dois projetos que são a proibição do casamento homoafetivo e uma PEC- Projeto de Emenda Constitucional que proíbe decisões monocráticas, ou seja, individuais de ministros do Supremo Tribunal Federal que suspendam a validade de leis ou atos dos presidentes da República, do Senado, da Câmara e do Congresso Nacional.

Observa-se que o impacto do neofascismo na democracia brasileira é grande, e se manifesta na perda de direitos humanos devido a governos que infringem a lei e a manipulam em seu favor, utilizando de autoritarismo para impor seus ideais e manter seus privilégios.

A credita-se que a pesquisa contribui para o entendimento da conjuntura política e das características fascistas que compõe a nossa sociedade, porém futuras pesquisas são necessárias para que possamos enfrentar e destruir o neofascismo.

REFERÊNCIAS

ALVES, C. Bolsonaro invade festa de aniversário e mata petista no Paraná. **Uol Notícias**. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/chico-alves/2022/07/10/bolsonarista-invade-festa-de-aniversario-mata-petista-e-tambem-e-morto.htm>>. Acesso em: 01 nov. 2023.

APÓS 70 dias, chega ao fim acampamentos bolsonaristas em frente aos quartéis. **Mídia NINJA**. 2023. Disponível em: <<https://midianinja.org/news/apos-70-dias-chega-ao-fim-acampamentos-bolsonaristas-em-frente-aos-quarteis/>>. Acessado em: 27 maio 2023.

BIONDI, P. **Operação lava jato e luta de classes**: forma jurídica, crise política e democracia liberal. São Paulo: Sundermann, 2021.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, G; PASQUINO, N. **Dicionário de política**. Trad. Carmen C. Varriale et al. 11. ed. Brasília: UNB, 1998.

BOITO JUNIOR, A. As facetas ocultas da Lava Jato. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 2019. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/as-facetas-ocultas-da-lava-jato/>>. Acesso em: 27 maio 2023.

_____. Lava jato, classe média e burocracia de Estado. **Revista Lumen**, v. 2, n. 3 (2017). Disponível em: <<http://www.periodicos.unifai.edu.br/index.php/lumen/article/view/49/76>>. Acesso em: 02 ago. 2023.

_____. Neofascismo e neoliberalismo no Brasil do Governo Bolsonaro. **Observatorio Latinoamericano y Caribeño**. Vol. 4, N. 2, julio-diciembre, 2020. 23 p. Disponível em: <<https://publicaciones.sociales.uba.ar/index.php/observatorio-latinoamericano/article/view/6026/5719>>. Acesso em 10 ago. 2023.

BOLSONARISTA suspeito de tentar explodir bomba no aeroporto de Brasília se entrega em MT. **Portal G1 MT**, 17/01/2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2023/01/17/bolsonarista-de-mt-suspeito-de-montar-explosivo-em-brasilia-se-entrega-a-policia.ghtml>>. Acesso em: 27 maio 2023.

BOLSONARISTAS radicais tentam invadir prédio da PF e incendiam carros e ônibus em Brasília; vias são bloqueadas. **G1 DF e TV Globo**, 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/12/12/bolsonaristas-radicais-depredam-carros-em-frente-ao-predio-da-policia-federal-no-df.ghtml>>. Acesso em: 27 maio 2023.

BOLSONARO em 25 frases polêmicas. **Carta Capital**. 29.10.2018. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>>. Acesso em: O conteúdo de CartaCapital está protegido pela legislação brasileira sobre direito autoral. Essa defesa é necessária para manter o jornalismo corajoso e transparente de CartaCapital vivo e acessível a todos

BRASIL. Ministério da Saúde. **Covid-19 no Brasil**. 2023. Disponível em: <https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html>. Acesso em: 27 maio 2023.

BUENO, S. F. **O fascismo em 10 lições**. Marília: Unesp, 2022.
CAMINHONEIROS fecham rodovias contra resultado das urnas após derrota de Bolsonaro. **Portal G1**, 31/10/2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/31/caminhoneiros-fecham-rodovias-contra-resultado-das-urnas-apos-derrota-de-bolsonaro.ghtml>>. Acesso em: 27 maio 2023.

CARNUT, L. Neofascismo como objeto de estudo: contribuições e caminhos para elucidar este fenômeno. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 41, n. 1, p. 81-108, jan./jun. 2020. Disponível em:

<<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/38188/27486>>.
Acesso em: 07 ago. 2023.

CARVALHO, P. C. de. Como chegamos à era dos bolsonauros (1). **Esquerda online**. 2019. Disponível em: <<https://esquerdaonline.com.br/2019/07/15/como-chegamos-a-era-dos-bolsonauros/>>. Acesso em: 24 maio 2023.

DIAS, A. Entrevista - Bolsonaro e o neonazismo: uma relação comprovada. **Focus Brasil**. Fundação Perseu Abramo, 2021. Disponível em: <<https://fpabramo.org.br/focusbrasil/2021/08/15/entrevista-adriana-dias-bolsonaro-e-o-eonazismo-uma-relacao-comprovada/>>. Acesso em: 16 ago. 2023.

ECO, U. **O fascismo eterno**. Rio de Janeiro: Record. 2018.

FILGUEIRAS, L.; DRUCK, G. Para entender a conjuntura: Neoliberalismo, neofascismo e burguesia no Brasil. **Le Monde Diplomatique**, 27 de maio de 2019. Disponível em: <<https://www.cadtm.org/Para-entender-a-conjuntura-Neoliberalismo-neofascismo-e-burguesia-no-Brasil>>. Acesso em: 12 ago. 2023

FINCHELSTEIN, F. **Uma breve história das mentiras fascistas**. Belo Horizonte: Vestígio, 2022.

FROMM, E. **Medo da liberdade**. Coimbra, Edições 70, 2023.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

LÖWY, M. Neofascismo: um fenômeno planetário – o caso Bolsonaro. **A Terra é Redonda**, 24.1019. Disponível em: <<https://www.bresserpereira.org.br/terceiros/2019/outubro/19.10-Neofascismo-e-Bolsonaro.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2023.

LÖWY, M. Da tragédia a farsa: o golpe de 2016 no Brasil. In: JUNKINGS, I.; DORIA, K.; CLETO, M. **Por que gritamos golpe?** Para entender o impeachment e a crise no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.

MASCARO, A. L. **Crítica do fascismo**. São Paulo: Boitempo, 2022.

MATTOS, M. B. Mais que uma analogia: análises clássicas sobre o fascismo histórico e o Brasil de Bolsonaro. In: CISLAGHI, J. F.; DEMIER, F. (Orgs.) **O neofascismo no poder (Ano I)**: análises críticas sobre o Governo Bolsonaro. Rio de Janeiro: Consequência, 2019, p. 17-46.

_____. Governo Bolsonaro - Neofascismo e autocracia burguesa no Brasil. **Revista de Relações Internacionais** - R: I n.º 73, Março, 2022. p. 25-39. Disponível em: <https://ipri.unl.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/RI73/RI73_art03_MBM.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2023.

PACHUKANIS, E. B. **Fascismo**. São Paulo: Boitempo, 2020.

POGGI, T. Fascismo à brasileira. In: CISLAGHI, J. F.; DEMIER, F. (Orgs.) **O neofascismo no poder (Ano I): análises críticas sobre o Governo Bolsonaro**. Rio de Janeiro: Consequência, 2019, p. 69-99.

PRATES, V. Bolsonaroistas pedem ajuda a 'extraterrestres' Correio Brasiliense. Porto Alegre, 21/11/2022. Disponível em: <<https://www.correiobrasiliense.com.br/politica/2022/11/5053320-bolsonaristas-pedem-ajuda-a-extraterrestres-veja-o-video.html>>. Acesso em: 02 nov. 2023.

ROCHA, J. C. de C. **Bolsonarismo: a guerra cultural ao terrorismo doméstico – retórica do ódio e dissonância cognitiva coletiva**. São Paulo: Autêntica. 2023.

STANLEY, J. **Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”**. 8. ed. Porto Alegre: L&PM, 2022.

SILVA, F. C. T. da. Os fascismos. In: REIS FILHO, *et al.* **O século XX: o tempo das certezas**. Vol. 1 Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SILVA, I. M. O governo Bolsonaro, a crise política e as narrativas sobre a pandemia. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 05, n. 16, p. 1478-1488, Edição Especial, 2020. Disponível em: <<https://www.homologacao.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/9227/7314>>. Acesso em: 29 jul. 2023.

SILVA, M, D.; CARVALHO, É. R. O fascismo contemporâneo: uso do discurso como elemento de controle social dentro do estado democrático de direito. **Anais do IX Coninter**. 2021. Disponível em: <<https://even3.blob.core.windows.net/processos/9b07a32133fd42069577.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2023.

TIBURI, M. **Como conversar com um fascista: Reflexões sobre o cotidiano autoritário brasileiro**. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

_____. **Como derrotar o turbotecnomachonazifascismo: ou seja lá o nome que se queira dar ao mal que devemos superar**. Rio de Janeiro: Record, 2020.

_____. A lava jato e o fascismo. **Cult**, 2018. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/lava-jato-e-o-fascismo-marcia-tiburi/>>. Acesso em: 27 maio 2023.